

O problema da personalidade no ambiente urbano*

William I. Thomas**

Tradução de Mário A. Eufrazio*** e Paulo Henrique Pereira****

*Publicado originalmente com o título "The Problem of Personality in the Urban Environment" – in Ernest W. Burgess (Ed.) – *The City* (Papers and Proceedings of the Twentieth Annual Meeting of the American Sociological Society, N. York, 1925) – *Publications of the American Sociological Society*. The University of Chicago Press, Chicago. 1926, vol. XX, pp. 30-39.

** William Isaac Thomas (1863-1947) foi um dos mais importantes sociólogos americanos da primeira metade do século XX. Nascido numa fazenda na Virgínia, graduou-se em 1884 pela Universidade do Tennessee, onde lecionou letras clássicas e modernas, indo em 1888-89 estudar nas Universidades de Berlim e Göttingen; ao voltar, lecionou até 1895 no Oberlin College, e em 1893 ingressou na Universidade de Chicago como um de seus primeiros alunos de pós-graduação. Ao concluir o doutorado foi contratado pelo Departamento de Sociologia, onde lecionou e pesquisou até ser demitido em 1918. Publicou regularmente nesse período artigos no *The American Journal of Sociology* e em outros periódicos, parte dos

Resumo: Parte-se da suposição que a formação dos hábitos é o fator mais importante no desenvolvimento da personalidade. Os traços do comportamento são o resultado de uma série de definições de situações, que resultam em conjuntos psicológicos. As definições são derivadas por meio de instituições, mas as atitudes únicas dos indivíduos estão estreitamente associadas a certas experiências críticas particulares para o indivíduo. Mas a mesma experiência terá um significado totalmente diferente para diferentes pessoas, dependendo da totalidade da experiência do indivíduo e do modo com que essa se organiza na memória. O caráter tradicional de nossa vida fornece ao complexo de experiências uma longa história. No caso do imigrante polonês, três complexos de experiências são predominantes na determinação das reações comportamentais dos poloneses na América: o primeiro derivado de uma imitação do comportamento extravagante e afetado da aristocracia polonesa, o segundo da parcialmente mal-interpretada ausência de leis norte-americana e o terceiro do condicionamento familiar e comunitário na Europa. O imigrante não é um problema tão mais importante quanto o do jovem americano, mas o problema dos dois é o mesmo, sob este aspecto: a criança americana é um estranho para os padrões da geração mais velha, de maneira geral, como o imigrante é um estranho para a América em geral. A desmoralização do jovem na América deve ser vista do ponto de vista de numerosos e conflituosos complexos de experiências desenvolvidos em um ambiente que passa por rápidas mudanças e, mais particularmente, do ponto de vista da disparidade dos complexos de experiências da geração mais velha e da mais nova. O estudo do desenvolvimento e da

integração dos complexos experiências também lançará luz sobre a relação entre o *phantasying* fantástico e o *phantasying* realista, que parecem ser o ponto crítico para o controle do comportamento.

Palavras-chave: psicologia social, escola sociológica de Chicago, personalidade, padrões de valores, complexos de experiências.

O problema da personalidade
no ambiente urbano
William I. Thomas

Parto da suposição que a formação de hábitos é responsável em alto grau pelos traços comportamentais dos indivíduos, raças e nacionalidades, que esses traços mudam tanto e quase tão irrestritamente quanto as modas do trajar, mas ao longo de décadas e de séculos em vez de a cada estação do ano, e que os traços disposicionais, enquanto efetivamente existem, não estão distribuídos em blocos entre os grupos nacionais e raciais, mas antes entre os indivíduos em proporções diversas, de tal forma que há um sortimento de temperamentos em todos os grupos, as aparentes uniformidades como a fleuma do inglês e a explosividade do italiano sendo principalmente devidas à formação de hábitos e à tendência de todas as disposições a se conformarem ao modismo predominante.

Há, de fato, duas grandes técnicas para provocar as impressões que causamos: a compostura e a agitação. Cada uma tem seus méritos e qualquer grupo pode ser predominantemente condicionado em uma ou outra direção. Falarei na presente ocasião dos poloneses, um grupo eslavo, que é mais agitado, de fato, que os italianos; – com efeito, tem sido chamado de “o eslavo dançante”, *Slavus Saltans*, em jocosa alusão a certa estátua na Itália, mas creio que com um condicionamento histórico diferente os poloneses teriam se tornado tão serenos quanto o índio americano. Realmente, é inútil falar com segurança de tendências comportamentais biologicamente determinadas em raças e nacionalidades como uma idéia aproveitável quando vemos diariamente que a distância social e a disparidade de atitudes entre pais e filhos americanos – ou, digamos, entre avós e netos – é, de modo geral maior do que as mesmas diferenças entre as nacionalidades – digamos, entre os suecos e os

quais foi reunida em *Sex and Society* (1907). Em 1909 publicou a coletânea *Source Book for Social Origins* e depois de dez anos de pesquisas publicou, com Florian Znaniecki, *The Polish Peasant in Europe and America* (1918-20) em 5 volumes. Escreveu ainda *Old World Traits Transplanted* (1921); *The Unadjusted Girl* (1923); com Dorothy Swayne, que mais tarde se tornou sua segunda esposa, *The Child in America* (1928) e *Primitive Behavior* (1937). Lecionou na New School for Social Research de 1923 a 1928, na Suécia entre 1930 e 1936 e na Harvard University (1936-37). Foi ainda o 17.º Presidente da *American Sociological Society* (1927). Inicialmente exibindo fortes traços de uma perspectiva biologizante na ciência social, desde fins da primeira década deste século passou a desenvolver uma abordagem culturalista na sociologia

O problema da personalidade
no ambiente urbano
William I. Thomas

e na psicologia social, que se acentuou em seus escritos a partir de 1912. Sua teoria da organização da cultura e de suas relações com a formação da personalidade, somada a seu interesse pela questão do preconceito racial e a condição do negro na sociedade americana, foram elementos decisivos na definição da problemática da qual emergiu a Escola Sociológica de Chicago (1920-1940). A originalidade, o vigor e o sentido de continuidade de sua obra fizeram de Thomas um dos pesquisadores que mais contribuíram para o amadurecimento e a consolidação da sociologia nos Estados Unidos.

***Professor Doutor do Departamento de Sociologia – FFLCH-USP

****Graduando em Ciências Sociais (FFLCH-USP)

ingleses, ou mesmo entre os americanos e os japoneses. Relatou-se o caso de um pai nova-iorquino que disse estar muito satisfeito pelo fato de que seus filhos ainda falavam com ele.

Ora, parece que os traços comportamentais e sua totalidade tal como representada pela personalidade são o resultado de uma série de definições de situações com as resultantes reações e sua fixação em um corpo de atitudes ou conjuntos psicológicos. Obviamente, as instituições de uma sociedade, a começar pela família, formam o caráter de seus membros quase como a alimentação diária forma seus corpos, mas isso é para todos, e as atitudes únicas do indivíduo e sua personalidade única estão estreitamente associados a certos incidentes ou experiências críticas particulares para ele mesmo, definindo a situação, dando um conjunto psicológico e, com frequência, determinando toda a sua orientação de vida. Um exemplo disso foi dado há dois invernos atrás por um ator de teatro, Bakst, que narrou uma circunstância que o conduziu para o seu condicionamento artístico. Aos quatro anos de idade, foi levado pelos pais para ouvir Madame Patti em São Petersburgo. No decorrer da ópera, a *prima donna* bebeu veneno e caiu. Nesse momento, o garoto protestou ruidosamente e, depois da performance, foi levado ao camarim de Madame Patti para ser tranqüilizado. Ela o colocou sobre os joelhos e com seu material de maquiagem desenhou longas sobrancelhas negras e grandes listras vermelhas em sua face. Em casa, foram lavar seu rosto, mas ele não deixou. Foi para a cama com a maquiagem e, psicologicamente, essa maquiagem nunca lhe foi retirada; seu estilo artístico foi modelado de acordo com a maquiagem de seu próprio rosto.

Estou muito impressionado, depois de ler os registros de certo número de personalidades psiconeuróticas, com o incidente na vida do indivíduo. É surpreendente verificar como muitas pessoas são condicionadas por um incidente singular a uma vida de invalidez, e aparentemente o mesmo princípio é válido na vida normal. Acredito que muitos de vocês serão capazes de confirmar isso em suas próprias experiências.

Mas um incidente pode conter um significado totalmente diferente para diferentes pessoas; seu efeito em um dado caso de-

pendará da totalidade da experiência do indivíduo e do tipo de organização da experiência na memória no momento. Sabemos seguramente, a partir dos casos de dupla ou múltipla personalidade, se não de outra maneira, que as memórias tendem a se organizar em blocos ou agrupamentos, cada grupo mantendo uma certa integridade, um pouco à maneira como organizamos as matérias de estudo num currículo. Venho chamando qualquer grupo de experiências que permanecem juntas na memória, dentro da totalidade da experiência, de um complexo de experiências. A dependência desses agrupamentos de experiências em relação às nossas instituições e costumes é também evidente, mas, uma vez que as instituições são eventualmente formadas pelos desejos, é mais importante encarar este problema do ponto de vista dos desejos, não significando isso nada de freudiano, mas simplesmente o que os homens desejam. Espero que muita luz venha a se lançar sobre essa questão do complexo de experiências e sua relação com o desenvolvimento da personalidade pelos *surveys* que estão sendo levados a efeito por Park, Burgess, Bogardus e outros, e pelos documentos e registros de histórias de vida que os psicólogos sociais estão reunindo.

Porém, a raça humana vive em grande parte da tradição. O ponto que Child enfatiza em sua grande obra, que o organismo nunca é de novo o mesmo depois de um dado estímulo, é válido conosco também e sobre uma vasta extensão de tempo. Nosso comportamento é condicionado historicamente, assim como contemporaneamente, e dedicarei a parte intermediária de meu tempo agora para um esboço do processo pelo qual certos complexos de experiências e de reações comportamentais se desenvolveram historicamente num grupo nacional selecionado, a saber, entre os poloneses; mais especificamente, com relação ao imigrante polonês.

O camponês polonês que chega aos Estados Unidos como imigrante tem como um elemento de seu *background* a aristocracia talvez mais elaboradamente desenvolvida e hierarquizada da Europa. O estado polonês era originalmente um estado aristocrata, dele não participando ninguém que não prestasse o serviço militar. Imigrantes do oeste, alemães e judeus foram excluídos e, como consequência, não houve uma burguesia. Outras classes, que não a dos

O problema da personalidade
no ambiente urbano
William I. Thomas

nobres, eram tratadas como “em menoridade política”. A família nobre era uma organização agnática ou patrilinear – o parentesco vinha somente pela linha masculina. A vida militar, as realizações e a glória distinguiam os homens. Havia uma grande sensibilidade quanto a relacionamentos e ao status. Esperava-se que todo indivíduo conhecesse desde muitas gerações do passado todas as conexões entre sua família e as outras e, pelo menos, as conexões mais importantes das famílias associadas à sua própria. Enquanto os camponeses não entravam nesse mundo, foi, ou se tornou mais tarde, uma região para *phantasying*, tanto mais que alguns camponeses foram tornados pequenos nobres sobre o campo de batalha. Pode-se vê-los agora sentados um pouco à parte nas reuniões sociais, com frequência mais pobres do que os outros, mas usando luvas.

Era também uma tendência fundamental da grande nobreza evitar todas obrigações políticas positivas impostas pelo estado. Eles se consideravam acima do estado e acima das leis, mas desejavam prestar serviço voluntariamente, sentiam como uma obrigação fazer sacrifícios meritórios e distinguidos, embora repudiando qualquer teoria da obrigação. O rei da Polônia era um soberano que presidia soberanos. Em relação a isso, o nobre polonês desenvolveu uma grande ostentação, magnificência, grandiosidade e cortesia; e também certas atitudes bizarras, excessivas e quase incompreensíveis. Não é demais dizer que para o polonês as únicas ações meritórias são aquelas que possuem uma natureza supérflua: não exigidas e não úteis. Notoriamente lutaram as batalhas de todos mais consistentemente que as deles próprios. Tenho em mente John Sobieski e os turcos; o fato de que os reis poloneses eram obrigados a lutar na ordem teutônica largamente com mercenários boêmios; a exploração dos poloneses por Napoleão; o comportamento dos regimentos poloneses no exército prussiano durante a guerra franco-alemã, os quais tomaram uma posição francesa numa tentativa tão suicida que os estrategistas alemães não engajariam suas próprias tropas, sob a única condição de lhes ser permitido vestir nessa ocasião a águia branca, o emblema proibido da Polônia. Esses traços não foram produzidos pela partilha da Polônia; foram, antes, a causa da partilha. Mas a partilha adicionou um furor à sua expressão.

Então, inconsciente e conscientemente, todas as classes da sociedade polonesa tem sido profundamente marcadas por esta busca de distinção da nobreza. Uma grande propriedade rural polonesa, digamos aquela dos Lubormirskis, pode possuir mais de 1.500 servos e estes se organizarão em vinte ou mais categorias de superiores e inferiores. Intelectuais e artistas são afetados do mesmo modo. Tenho a autobiografia de um distinto polonês, ele mesmo da pequena nobreza, que narra o desenrolar de sua vida como constante motivo ou de penetrar na grande nobreza diretamente ou de encontrar uma distinção equivalente em alguma atividade. Primeiro, foi-lhe arranjado casamento com uma filha da grande nobreza, mas a abandonou porque não o faria ser adotado. Então, seguiu a arte; depois o complexo de salvação; e finalmente, a vida acadêmica. As soberbas realizações dos poloneses em arte e ciência poderiam ter sido alcançadas de outra maneira, mas essas realizações sempre parecem, de certa forma, substitutos para essa distinção que era originalmente a nobreza da família. Com o polonês não se dá a seleção pela utilidade, não tanto a seleção hedonista, mas principalmente a seleção pelo reconhecimento. Quase qualquer tipo de distinção parece agradável para um polonês. Li uma vez o manuscrito de um filósofo polonês que estava elaborando um livro em língua inglesa e naturalmente eu o estava lendo só com relação à correção de sua linguagem. Mas em certo ponto assinalai: "Você sabe, eu não entendo o mínimo do que você está dizendo". Senti que isso foi algo áspero, mas foi uma fonte de prazer para ele. Se eu não entendia, devia estar muito bom.

Um lógico de Varsóvia fez uma palestra para um auditório de quase cem pessoas, começando no início da tarde e continuando até às 3 horas da manhã. Aos poucos o auditório foi se esvaziando até restar apenas três ouvintes e a reação do conferencista a isto foi claramente de satisfação. Não muitos conferencistas, disse ele, poderiam falar acima das cabeças de tantas pessoas por tão longo tempo.

Quando o movimento pelo esclarecimento começou a afetar os camponeses, entre suas primeiras reações estavam aquelas de busca de distinção. Houve, por exemplo, diversos jornais estabelecidos para benefício dos camponeses e se encorajava comunica-

ções vindas deles. Examinei certa vez cerca de 8.000 dessas comunicações e mais da metade delas era em forma de poesia. Dificilmente há um camponês capaz de escrever de fato que não escreva poesia. Me recordo também de ter lido uma carta escrita em Mukden por um soldado polonês para um jornal durante a guerra russo-japonesa. No final ele dizia que não havia escrito para sua esposa, mas esperava que aquela comunicação chamasse a atenção dela. Uma outra vez eu estava no escritório da *Gazeta Swiateczna* em Varsóvia quando um jovem camponês entrou e reclamou com o editor por não ter publicado um poema que ele havia enviado. O editor objetou que o poema não tinha méritos suficientes. O autor finalmente admitiu isso, mas acrescentou que havia ocorrido uma morte em sua comunidade e que desejava que o editor mencionasse o fato e dissesse que tivera a informação do visitante para que ele pudesse de alguma forma ver seu nome publicado. A narração é desenvolvida ao ponto de uma arte entre os poloneses, muitos deles são fascinantes *raconteurs*. Tive como convidados dois famosos *raconteurs*, um mais velho e o outro mais jovem. O mais velho manteve todos à mesa encantados por duas horas. Finalmente, o jovem, depois de esforços inúteis para interromper o velho, me falou num sussurro: “Nunca iremos interrompê-lo a menos que mudemos de sala”. E mudamos de sala.

Ora, o condicionamento aristocrático indireto do camponês que nos chega com o imigrante não é nem de longe tão profundo quanto o seu condicionamento pela família e pela comunidade, e este é um ponto que eu não preciso detalhar aqui. Não obstante, as atitudes familiares tendem a desaparecer rapidamente nos Estados Unidos, enquanto que as atitudes aristocráticas tendem a desabrochar. Primeiro, o garoto escreve para casa: “Queridos pais, tenho um trabalho. Mando para vocês 75 rublos. Eu posso mandar para vocês muito dinheiro”. Depois de alguns meses, ou um ano, ele escreve: “Queridos pais, eu gostaria de mandar dinheiro a vocês, mas vocês pedem muito”. Um garoto do sul de Chicago escreve: “Queridos pais, beijo suas mãos e os informo que é muito difícil viver sem uma esposa. Mandem-me uma moça, adequada à minha condição, pois nos Estados Unidos não há uma única moça corre-

ta". Os pais respondem que estão mandando uma moça da família Malinowski. O rapaz beija-lhes as mãos novamente, escreve algumas notícias e pergunta no fim da carta: "Queridos pais, vocês estão me mandando Stanislaw, a mais alta, ou Hanka, a pequenina?" Este jovem foi morto na siderurgia antes que sua noiva chegasse, mas outro rapaz, que estava aqui há mais tempo, escreveu: "Queridos pais, vocês falam de casamento, mas nos Estados Unidos não é necessário se casar".

Por outro lado, as atitudes aristocráticas que existiam na *hinterlândia* da consciência tendem aqui a entrar mais ativamente na região do *phantasying*, em especial já que os Estados Unidos são considerados a terra da liberdade absoluta. Frequentemente, portanto, o jovem imigrante aparece aqui com expectativas e gestos algo grandiosos. Um jovem polonês escreve:

Quando vim para os Estados Unidos eu trouxe nove ternos de reserva. (...) Meu primeiro emprego foi em uma fábrica onde tingiam fitas para máquinas de escrever. (...) Meus dez ternos logo estavam estragados porque eu tinha vergonha de colocar macacão. Finalmente, o único terno que eu tinha era um Príncipe Albert, e eu o coloquei para trabalhar. Lembro-me que passei por uma fileira de companheiros trabalhadores encostados numa parede e fumando seus cachimbos. Quando me viram chegar em meu Príncipe Albert tiraram seus cachimbos da boca e fizeram uma reverência, dizendo "Meu Senhor" quando eu passava.

Vocês dirão que muito certamente ele estava brincando, zombando de si mesmo. E isso pode ser verdade, mas eu estou certo também de que tinha sua satisfação, e ainda a tem, no fato de ter sido chamado de "Meu Senhor".

Outro fator determinante no comportamento do imigrante é a ausência de leis americana. Traduções de novelas baratas são populares na Polônia, histórias sobre a liberdade e o banditismo americanos são levadas por imigrantes que retornam à Polônia, a grandiosidade da aristocracia polonesa faz uma pré-adaptação da consciência do jovem imigrante para alguma exibição espetacular de sua liberdade e a cópia pode ser o banditismo. Na primeira carta

O problema da personalidade
no ambiente urbano
William I. Thomas

escrita para casa um certo imigrante disse: “Estou andando pela North Clark Street. Tenho um revólver. Deixe apenas que alguém me lance um olhar abusado”. Quatro rapazes de Chicago, um deles não polonês, decidiram fazer um assalto a mão armada. Encontraram um fazendeiro de manhã bem cedo chegando com um caminhão carregado de hortaliças. Ele lhes passou seu relógio e seu dinheiro. Isto não pareceu satisfazê-los; confabularam e decidiram matá-lo; e assim fizeram. Mesmo isso não pareceu uma façanha muito distinta, não horrível o bastante, então cortaram uma parte da perna do fazendeiro e colocaram em sua boca. Eram muito jovens, mas foram enforcados por conta deste último ato de atrocidade.

Falando de modo geral, devo dizer que o imigrante polonês tende a ser uma personalidade dissociada, uma consciência dividida, como todo gaulês, em três partes, como resultado de três complexos de experiências dominantes – o condicionamento da comunidade, o condicionamento aristocrático e o condicionamento pela liberdade americana – em termos dos desejos, desejo de estabilidade, desejo de reconhecimento e desejo de novas experiências. Essas características não são todas, mas são as que se destacam. É por conta disso que o comportamento do polonês recém-chegado aos Estados Unidos é tão completamente indeterminável. Nunca se pode saber, sob um dado estímulo, qual complexo de experiências virá à tona e determinará a reação comportamental. Um policial pode entrar num lugar público onde há muito barulho e pedir silêncio. O lugar pode ficar em silêncio como um túmulo, ou um dos homens pode sacar uma arma e atirar no policial – por um lado, o condicionamento mais antigo da autoridade do lar, das classes superiores e da polícia russa; por outro, o condicionamento mais novo que vem da liberdade. Dois homens trocaram algumas fanfarronadas numa tarde em uma pensão. Um deles foi trabalhar de manhã. O outro, trabalhador noturno, dormia. Por volta das dez da manhã ocorreu ao trabalhador diurno voltar e matar o trabalhador noturno. Ele fez isso colocando a pistola no ouvido do outro, e voltou ao trabalho. Depois de alguns dias de agitação, durante os quais nenhuma suspeita havia sido levantada contra o assassino, ele simplesmente apareceu e disse: “Pois é, eu matei aquele homem”. Ele sentiu que

estava sendo fraudado em sua distinção. A polícia chama o comportamento dessa espécie de “guerra polonesa”. Durante a guerra, Paderewski e outros discursavam para um auditório de poloneses. Os oradores anteriores tinham ficado aborrecidos pelo comportamento barulhento do auditório. Quando Paderewski se levantou, suas primeiras palavras foram: “Fique quieta, boiada!” Não houve mais barulho. O orador usou uma velha expressão da nobreza polonesa aplicada aos camponeses. Talvez tenha se arriscado. Se o complexo de liberdade tivesse vindo à tona poderia ter tido problemas.

Falei tão longamente de um grupo de imigrantes não porque penso que o imigrante é o principal problema no ambiente da cidade. Evidentemente, o principal problema é a pessoa do jovem americano. O imigrante nunca é assimilado, de nenhuma maneira. Ele se torna aqui alguma outra coisa, mas não um americano. Se ele retorna, digamos, para a Polônia, ele tem de ser “re-polonizado”, e isso também nunca acontece. Ele se torna alguma outra coisa ainda, mas não um polonês. O imigrante de segunda geração se torna quase americano, mas ainda é algo condicionado pelos hábitos familiares dos adultos, enquanto que o representante da terceira geração (se a família não se deparou com demasiado preconceito racial) é praticamente apenas uma criança americana. Então o problema se torna mais uma vez um problema da criança.

O problema do imigrante e da criança é o mesmo neste aspecto: a criança americana é tão estranho aos padrões da geração mais velha, falando de modo geral, quanto o imigrante é estranho aos Estados Unidos em geral e em relação a isso a resistência frequentemente completa da geração mais velha à mudança (em busca de estabilidade) parece tão fora de lugar quanto a parcial desmoralização ou incompleta organização da geração mais jovem (em busca de novas experiências).

Os etnogeógrafos falam de um ambiente em movimento em relação àquelas tribos que têm de emigrar de acordo com as estações, à procura de pastos e de água, e psicologicamente também vivem num ambiente em movimento, de modo que a questão da formação, do equilíbrio e da interação dos complexos de experiências se torna mais aguda, especialmente no ambiente urbano. É investigando nes-

sa direção, como me parece, que se chegará a uma discriminação mais crítica entre aquele tipo de desorganização no jovem que é uma tendência real mas frustrada para se organizar num plano mais elevado, ou uma mais em correspondência com o ambiente em movimento, e aquele tipo de desorganização que é simplesmente o abandono de padrões. É também nessa direção, e me refiro ainda ao estudo dos complexos de experiências, que ganharemos luzes acerca da relação entre o *phantasying* fantástico e o *phantasying* realista — uma questão que, como assinalou o Professor Giddings, merece a nossa atenção e que é um dos pontos destacados do comportamento selvagem dos poloneses que esbocei anteriormente.

Irá se mostrar verdadeiro, penso eu, que a desmoralização é o resultado da formação de complexos de experiências que não estão, todavia, integrados ou organizados entre si suficientemente para assegurar reações comportamentais que correspondam à realidade ou a valores sociais existentes. Em sua maior parte a desorganização é um estágio de transição entre duas formas de organização e o elemento da fantasia pode contribuir ou para a desorganização ou para um tipo mais elevado de organização. ■

New School of Social Research, N. York

Abstract: The problem of personality in the urban environment. — The assumption is made that habit formation is the most important factor in personality development. Behavior traits are the outcome of a series of definitions of situations, resulting in psychological sets. The definitions are derived through institutions, but the unique attitudes of individuals are closely connected with certain critical experiences particular to the individual. But the same experience will have a totally different meaning for different persons, dependent on the totality of the experience of the individual and the way the experience is organized in memory. The traditional character of our life gives the experience complex a long history. In the case of the Polish immigrant, three experience complexes are dominant in determining the behavior reactions of the Poles in America: the first derived from an imitation of the extravagant and grandiose behavior

of the Polish aristocracy, the second from the partially misinterpreted American lawlessness, and the third from familial and community conditioning in Europe. The immigrant is not so important a problem as the American young person, but the problem of the two is the same in this respect, that the American child is as alien to the standards of the older generation, generally speaking, as the immigrant is alien to America in general. The demoralization of the young person in America is to be viewed from the standpoint of the numerous and conflicting experience complexes developed in a rapidly moving environment and, more particularly, from the standpoint of the disparity in experience complexes as between the older and younger generations. The study of the development and integration of the experience complexes will also throw light on the relation of fantastic phantasying to realistic phantasying, which seems to be the critical point for the control of behavior.

**O problema da personalidade
no ambiente urbano**
William I. Thomas

Uniterms: social psychology, Chicago school of sociology, personality, value patterns, experience complexes.